

# CULTURA

DIRETOR RESP. — O DIRETOR DO COLÉGIO

GERENTE — O PRESIDENTE DO GRÊMIO

Órgão do Grêmio Literário Pe. José de Anchieta — Colégio Valenciano São José

—:— Registrado sob. o n. 4 de acôrdo com o Decreto n. 18.542 —:—

ANO 6

Marquês de Valença, 15 de Novembro de 1951

NÚMERO 50

## — Cs pardais do ensino —

MONSENHOR TOMÁS TEJERINA

Os pardais, em má hora transportados de Portugal com a boa intenção de aumentar a fauna nacional, estão sendo o maior tormento de chacareiros, principalmente, de verduras e legumes.

Sua voracidade para as sementes ao começar a germinar, para as flores de certos legumes e para as mudas novas, já fez desanimar a muitas pessoas que cultivavam seu quintal.

E como o exemplo sempre tem seguidores, estamos presenciando a ação destruidora de outros pardais que escolheram como campo de ação devoradora os canteiros onde devem cultivar-se e prosperar a inteligência e o coração dos moços. Os canteiros são os colegios organizados e mantidos, em muitíssimos casos, com grandes dificuldades e custo de sacrifícios; os pardais são certos senhores que, ou por falta de assunto para encher uma coluna de jornal, ou por despeito, ou por instinto, destruidor, a empreendem com toda espécie de diatribes contra os diretores dos colegios, apresentando-os como únicos responsáveis pela decadência do ensino.

Pará êstes eufóricos pardais que piam apenas, incapazes de um trino que apresente qualquer coisa de útil ou delectável, os alunos são exemplares por sua disciplina e amor ao estudo, os programas modelo de orientação pedagógica, o ambiente geral o mais propício para o desenvolvimento cultural dos moços. Só os diretores, incapazes, venais, inescrupulosos, são os responsáveis pela decadência e deformação dos moços, vítimas inocentes dos fundadores e mante-

nedores de Colégios.

Assim se escrevem colunas e mais colunas de jornal que pouco a pouco vão destruindo o único que pode melhorar o ensino: o entendimento, a boa harmonia, o ideal por parte de todos os que se dedicam à mais importante obra social. Nem uma ideia luminosa, nem uma orientação sadia, nem uma palavra de estímulo a estudantes e promotores do ensino; nada positivo que possa elevar o nível dos que ensinam e dos que aprendem.

Socavar, minar, como formigas cabeçudas, é todo o trabalho dêste criticadores do ensino, verdadeiros pedantes que pensam resolver o problema do ensino denigrando a obra dos diretores de Colégios.

Porque êles não fundam para dar exemplo de como se ensina, um Colégio modelo, ao menos nas principais cidades? Porque não experimentam tomar conta, de manhã à noite, de um numeroso internato para conhecer bem a disciplina e o amor ao estudos dos estudantes?

Metidos em seu gabinete, rabiscando papeis para fazer sensação é bem fácil que êstes novos profetas do ensino consigam aumentar a decadência do mesmo; falem menos e façam mais; mostrem com provas, não com palavras vãs que custam tão pouco, como se eleva o ensino e lembram a frase do poeta latino, antes de meter-se a criticar ou condenar o que não conhecem: «Si vis me flere, dolendum est tibi prius».

## Recordar é viver

*José Barra Sobrinho*

Como o Diretor de CULTURA nos escrevesse uma amável carta dizendo que o nosso artigo anterior não estava nada mal, resolvemos voltar ao assunto.

Quanta recordação guardamos do nosso tempo de Ginásio... As cenas, vão num retrospecto gostoso, surgindo em nossa mente e ficamos como que extasiados, numa ansia incontida de rete-las. (desculpem-nos o tom romântico e poético imprimido em nossa crônica de hoje). Deixemos por momentos a poesia e voltemos a narrar os fatos como se passaram: Custodio, ao nosso lado, vai nos ajudando a rememorar os fatos. A chegada do nosso dileto amigo e mestre Professor Geraldo Barcellos, foi um dos fatos mais interessantes. O referido Professor chegou com aquele geitão tipicamente mineiro: chapéu de côco no alto da sinagoga, bençalão que devia pesar umas trezentas grammas, paletozinho curto, calça pescando siri, voz tonitroante e uma bondade imensa no coração. Inteligente e culto, de uma memória privilegiada, conquistou desde logo a nossa simpatia. Era e continua ser uma bela criatura. Criticamos a sua maneira de fumar. Usava LIBERTY curto e fumava até quasi queimar os dedos. Um grande poeta. Só que um pouco convencido, pois exorbitava um pouco o seu valor. Era um dos valores positivos do corpo docente de nosso tempo. Professor Mario Nogueira Filho. Ex-aluno do Ginásio, a ele voltou, como mais tarde voltaria também o Professor José Wilson, para mostrar o que valem o esforço, a dedicação e o amor ao nosso querido Ginásio. O primeiro contacto que tivemos com o Professor Mario Nogueira foi no Curso de Admissão. Depois no primeiro ano, lecionando Ciências e Francês e mais tarde no quinto ano lecionando Geografia. É também um ótimo professor de Matemática. O interessante é que o Professor Mario Nogueira, tinha um irmão em nossa turma, o Oldemar, que o imitava tão bem dando aula, que quando calhava termos uma hora vaga pediamos ao Oldemar que nos desse aula no estílo do Professor Mario. Mario Nogueira nasceu para ser professor pois tem o raro dom de saber transmitir ao aluno as ideias. Fumava muito, mas antes de sair do Ginásio ia mascando uma folha de pitanga para tirar o hálito. Diziam as más linguas... bem deixemos de lado o que diziam as linguas ferinas.

E dona SANTINHA? Dona Santinha, uma verdadeira Santa em bondade e dedicação. Professora de Desenho, era de uma grande condescendencia. Mãe amantíssima, era bastante falarmos no Julico, para que ela se estivesse zangada, voltasse às boas e deixasse a aula correr risonha e franca. Julico naquele tempo era «back» do Ferroviário. E depois de cada jogo do Ferroviário a aula era toda de comentários a respeito da atuação de Julico da nossa parte, mas mesmo assim o desenho tinha que ser feito na pedra (quadro negro), pelo Luciano. Hoje já malhamos bastante. Vamos esperar o mês vindouro para voltarmos ao assunto. Está bem?

## A Luta do seringueiro

Enfrentando todos os perigos da selva da Amazônia, o «Inferno Verde» onde o sol não penetra com seus raios dourados, o caboclo vai devassando a lóbrega mata, à procura da seringueira para retirar o precioso latex. Além de enfrentar inumeros perigos naturais da traiçoeira Hiléa, ainda se vê, por muitas vèzes, ameaçada de ser furtado por gananciosos sem escrúpulos que traficam com os estrangeiros, o produto de seu labor. Devido ao precário meio de transporte, fazia o caboclo outrora, enormes bolas de borracha que então eram atiradas aos rios para que estes, se encarregassem de as transportar ao seu destino, onde difficilmente chegava, porque os larápios permaneciam sempre atentos. Após, percorriam os rios, em navios pequenos, rodeados de ganchos de arame que iam recolhendo o produto. Usavam de interessante estratagem para passarem livremente pela fiscalização: Amarravam às ditas bolas de borracha, pedras que as faziam submergir, e, em seguida atavam-nas no navio, e, desta forma, estavam fora de perigo. Dirigiam-se para uma ilha afastada, onde os representantes europeus compravam todo aquele precioso produto por elevado preço. Mesmo assim, o amazonense atirava-se à luta cotidiana com afinco, em busca do pão de cada dia: não desanimava.

O seringueiro é humilde, bravo, trabalhador. É um rude sem instrução. Nada mais sabe além de sua tarefa. Entretanto, é um dos que, no anonimato, trabalha eficazmente pela grandeza do Brasil.

*Jayme S. da Silva Maia*

# Corrente Partida

PAULO LAGO

Jamais um turista observador poderia se contentar com a vida intelectual desta cidade, deliciosamente cognominada pela alcunha de «Princesa da Serra». É indubitável que, o número de Colégios existentes, não basta para se formar um juízo favorável ao prejudicial orgulho que têm os valencianos de sua própria cultura. É bem verdade que, ao lado dos educandários, que formam a matéria-prima de uma cultura incompleta, caminham outras instituições que concorrem a um aperfeiçoamento que, impreterivelmente, deveria advir. Temos a nossa emissora, que como veículo de progresso intelectual é inegável, temos a Biblioteca Pública, temos a Academia de Letras. Mas, falta uma lacuna a ser preenchida. Somos, é de se lamentar, destituídos de uma Imprensa à altura da importância da cidade. Essa falta é notada imediatamente por qualquer forasteiro, que a considera um berrante contraste com o aspecto intelectual que ela apresenta em outros setores. Publicam-se, no entanto, mensários de dois de nossos principais educandários, e, publica-se um semanário. Os primeiros tratam, como é natural, dos interesses e assuntos de seus respectivos colégios, o segundo não é nada mais do que um informativo da Prefeitura, íntegro e sem quaisquer críticas, e o restante em anúncios comerciais. A Imprensa constitui um precioso documento histórico. É por seu intermédio que a posteridade saberá a maneira dos passados e presentes em encarar as coisas. Publicar editais, também significa um documento histórico, mas é falho e incompleto, não possuindo o valor de uma crônica. Nenhum historiador se limita, somente, a desempoeirar arquivos para procurar atos e editais, afim de fazer uma análise imparcial e precisa. Ele se baseia nas crônicas, nas críticas que são feitas, que traduzem um pouco do sentimento do povo, que revelam como foi recebido pelo povo, a atividade das autoridades governativas. Ai está o principal valor da Imprensa, como documento histórico. Como valor informativo, seria desnecessário falar, já que ninguém mais o ignora. Não compreendemos porque, homens cultos da sociedade local, põem no ostracismo um fator de tão grande importância. Mormente, quando se leva em conta que a Imprensa é a sentinela dos interesses do povo, e que, nesta cidade existe uma «Sociedade dos amigos de Valença». Como se vê, tudo contribui para que

tenhamos uma Imprensa capaz de batalhar pelos ideais dos valencianos. O valenciano é um povo que adora sua terra. Realmente, se interessa por tudo que diz respeito ao seu torrão. O êxito da circulação de um, vamos supor, semanário, estará garantido, porquanto, de fato, o povo quer saber seus problemas, quer inteirar-se de suas coisas, em suma, quer ser doutrinado.

Valença necessita de um vigilante. Há muita coisa deplorável que acontece sem que o povo tenha conhecimento, porque lhe falta o informativo. Há muita imundice que clama por ser varrida. Há também obras benéficas, realizadas por autores que não são tributados, porque o povo os desconhece.

As coisas que concorrem ao progresso formam uma corrente, com a união, dos élos.

Há muitos élos na corrente de progresso desta cidade. Mas, é fraca, pois a ausência da Imprensa representa um élo partido.

## Mister X Presente: Homens, coisas e fatos

O Colégio é um completo anedotário. Acontece cada coisa que, às vezes, faz com que esqueçamos os rigores e torturas das provas finais. Pensando bem, não compreendo por que alguns alunos sofrem do fígado, quando o Colégio é um poderosíssimo desopilador. Coisas estonteantes são verificadas, e, o próximo exame médico é um verdadeiro arsenal de gracinhas. A balança usada para medir e pesar, é um... pesar. Por vezes, como exemplo, um aluno que pesou 56 quilos, de barriga vazia, vai para casa, entulha-se de «gororobas» (quando é interno) e, voltando a pesar, nota com surpresa, que seu pêso diminuiu. Para medir, é a mesma coisa. No principio do ano, quando o aluno ainda andava de velocipede, registra o tal aparelho de medir uma altura descomunal que chega até a fazer concorrência ao Empire State. No fim do ano, em novo exame, a tal engenhoca, quando o aluno já anda de bicicleta ou então de «onça», tipo das que falamos no mês passado, registra uma altura menor do que a anterior. Cai o pêso, cai a altura. Portanto, essa balança nada possui em analogia com o tal Edifício, pois essa balança, balança... mas... cai sim.

Outra coisa interessante é a fartura de per-

nilongos que existe no Colégio.

Felizmente, são uns insetozinhos ingênuos que não atormentam os alunos. E' que um pernilingo gosta de ficar cheio de sangue, mas, o lugar onde eles se refestelam durante o dia, é a sala de aula. À noite, em virtude de terem assistido às aulas, já estão «cheios». Assim é a vida no Colégio, tudo é motivo de riso. Há pouco, um aluno ficou furioso por que o Monsenhor lhe tomou um maço de cigarros «Hollywood». Enquanto isso, os que apreciaram a abordagem riram às bandeiras despregadas, embora sentissem uma profunda tristeza em não estarem no lugar do Monsenhor que iria a se saborear com a pilhagem, aliás, legalizada pelo regulamento que não permite fumar no recinto colegial. Certo dia, um aluno do científico, cujo nome não me ocorre, entusiasmado com a gostosíssima leitura de um Gibi sensacional, não se conteve e deu um espetacular berro: SHAZAM. O pior é que ele estava em plena aula de Filosofia, e, é claro, ouviu um grito mais forte ainda: SAIA DA AULA, IDIOTA.

E, há também, . . . um instante, deixem-me ver o que quer um certo automobilista.

«Que é que há?» «Você vai para a cidade? Vou. «Quer uma carona?»

«Não, muito obrigado, tenho pressa.

## Até as crianças...

Antônio Paulo Basbus

Para uma pessoa que vê somente a vida através de um prisma otimista, desconhecadora dos grandes problemas materiais e morais de uma comunidade, este mundo não é outra coisa, senão um paraíso privilegiado. As vezes, procedem com indiferença, porque são ignorantes ou porque a dôr alheia nenhum mal lhes faz.

Esquecem que ali adiante existe um velho desamparado, ou uma criança sem teto e sem pão. Neste artigo, levo mais em conta a situação da infância, uma das maiores vítimas dos últimos tempos e que começou a ter valor após a última guerra, porque felizmente, alguém já quer socorrê-la, antes que pereça na sua solidão.

Podemos claramente perceber que, nem todas tem um progenitor ou uma progenitora que os guie num caminho certo; nem todas têm barriga cheia; nem todas têm as costas cobertas e por fim, nem todas sentam num banco de escola. Os inocentes, que se espalham pelo nosso território são, na maioria, privados de seus sagrados direitos.

A criança, este ser cheio de ternura e inocência, representa no momento, um motivo para o qual voltam as atenções de muitos que a querem defender contra a opressão ameaçadora do destino, que a quer esmagar por completo, por meio de circunstâncias diversas.

Facilmente se ouvem os gritos que dão os seus defensores, pedindo para que a justiça e a caridade as contemplem, pelo menos, algum instante.

Mirá-las de verdade, para que assim possam encontrar suas reais necessidades. Sinto em dizer, mas estou ao lado da maioria que diz ser «trágica a situação infantil» em nosso país.

Aquêles que são destinados a ser amanhã membros de uma nação que cresce aceleradamente e, por conseguinte, que carece de gente para povoá-la e engrandecê-la, têm fome e não lhes dão de comer; têm vontade de estudar e não lhes dão colegios; têm doença e não lhes dão hospitais. Não quero dizer com isso que estão abandonadas por completo. Existe a Campanha Nacional da Criança, bem orientada e que conta com gente de destaque e de ação.

Mas isso não basta. A obra é grande demais e as materias ainda são escassas.

Para que tenham uma ideia como andam as coisas, acrescento que «somente» morrem anualmente em nosso território 500.000 crianças, o que prova em grande parte que os responsáveis têm tido mentalidade gélida diante da situação que atinge catástrofes imperdoáveis.

Quer dizer: anualmente perdemos 500.000 cidadãos, o que obriga ao nosso governo a buscar no estrangeiro milhares de indivíduos de diversas profissões, para cobrir este deficit de material humano.

No Rio, para não citar outros centros populosos, vivem «sem dono» milhares de criaturas, passando as mais sentidas privações.

Bem sabemos que, ao lado desta «mancha negra» está a causa econômica e educacional. Digamos que muitas das crianças morram pela lei natural das coisas, rodeadas de conforto e assistência vigilante.

Mas não é só com a morte que vimos perdendo elementos, que nos podem ser úteis. O erro tem, às vezes, como raiz principal, a precária situação econômica e educacional que atravessamos.

Faltam recursos para educá-las e também faltam colégios. Ora, estes jovens uma vez fora de um bom caminho passam a ser imprestáveis. Em vez de sentarem nos bancos de uma escola e beber doses de água que passarinho não bebe.

Nem os países assolados pela guerra, têm tido tantas preocupações nesse sentido, do que vem tendo a Campanha Nacional da Criança; esta dia a dia vem aumentando, em toda extensão da Terra de «Santa Cruz», estendendo sua mão amiga cheia de paz e auxílio. Facilmente resolveria este problema, se não existissem pessoas que têm coragem de negar um auxílio para um lactário, enquanto perde semanalmente fortunas em corridas de cavalos. Por isso, lutar pela infância é lutar por uma causa nobre, porque ao lado dela estão os ideais de um país que cresce e que dela precisa.

A criança, flor pura e perfumada, não pode ser mais pisada pelo destino. Ela deve, na sua inocência escolar o seu perfume e deslumbrar a todos com o seu colorido, nos canteiros do jardim da vida.

## A Dança

Não é novidade para ninguém a evolução do mundo, mas seria interessante perder-se uns minutos a revolver o passado, buscando conhecer o original das coisas.

Sim, digo original porque estou de acordo com a teoria que diz: «Na natureza nada se perde nada se cria tudo se transforma».

Poderia citar exemplos e, em tão grande número que, juntos, não caberiam numa resma de papel.

Cuidarei, portanto, apenas do que diz o cabeçalho: A Dança.

Este tipo de divertimento é bem antigo como todos sabem, pois, já os bisavós e avós de nossos avós praticavam-no.

Más há nisto um porém; a maneira como o faziam.

Eram, as danças, efetuadas em amplos salões, com espaço bastante para que o cavalheiro ficasse, no mínimo a um metro da dama.

Embora, naquele tempo, não se desconfiasse sequer desta maravilha que é a energia elétrica, as salas eram fartamente iluminadas a velas.

As moças, raramente eram tocadas pelos rapazes...

Com o correr dos anos, os bailes, se foram modificando e, as distâncias entre as pessoas, diminuindo proporcionalmente a intensidade luminosa do recinto.

Antes, dançava-se a quadrilha, a polca, shots, que cederam lugar, agora, aos sam-

bas, boleros, rumbas, tangos, foxes etc.

Os espaços, como já disse antes, continuaram minguando, agora de maneira dupla, pois atualmente são menores os salões e, a distância entre os pares.

Como se nada disto bastasse, a Light racional a luz, dificultando, aos espectadores, a distinção dos personagens que bailam.

Por estas e por outras, nos bailes de hoje, só se pode conceder ao aspecto mecânico da dança, uma proporção de 15% porque os 85% restantes, são puramente sexual.

A moça que se preza e, não gosta de se dispersar, sente isto como o sentem muitos rapazes.

Se não dão mostra do que pensam, realmente, é para não parecerem ridículos e atrasados.

Esta diversão que mais acertadamente deveria chamar-se «dispersão», nada mais é que um abraço ao som de música sugestiva.

Até nestes bailes oficiais, cheios de autoridades e grandes do mundo, nota-se o sensualismo.

Almirantes, senadores, ministros, deanos disto e daquilo, acompanhados de suas esposas, apinhadas de jóias, qual uma vitrine de joalheria, vestindo roupas extremamente decotadas que deixam ver a gordura fatigada, do colo e dos braços, encarquilhadas pela luta com os lustres, desde o princípio do século.

E bailam compenetrados, com pé de ouro, sorrindo, murmurando galanteios, dando voltas e cabriolas, embora parando em seguida, para recuperar o fôlego asmático.

Como vêm esta tendência sexual não se verifica somente na mocidade. Enfim...

Bem, mas porque há estes exemplos não vão querer segui-los.

Só as boas ações devem ser imitadas.

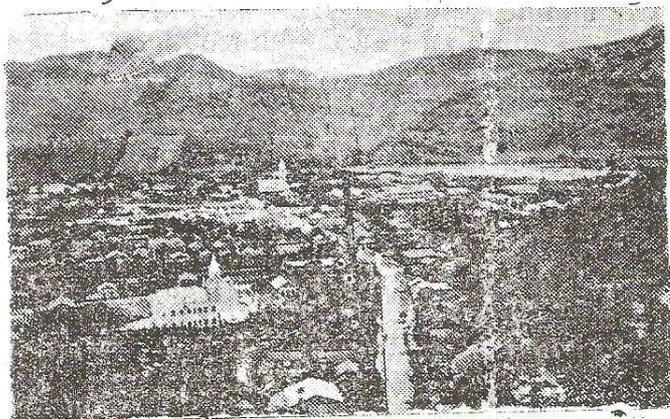
(Compilado)

Lyrá

## S O C I A I S

### Fazem anos no mês de novembro:

- 1- Celso da Silva Garcia.
- 2- Paulo Gustavo Monteiro Bruno.
- 5- Flávio Gonçalves Feldhaus.
- 6- Carlos Alberto Ramos, Pedro Barros Madsen, Darnley Leal Moreira.
- 9- José Soares de Azevedo Neto.
- 10- Rubem Augusto Taveira.



Estampamos a fotografia de Três Rios, que deveria acompanhar o artigo publicado no último número de "Cultura", cuja autoria pertence a Olney Freitas Bastos: «Três Rios, ex-Entre Rios».

O lapso, que embora lamentamos, é natural e passível em questões de impressões. Aos leitores e ao Olney, reiteramos nossas escusas.

- 11- Odilon Geraldo dos Reis.
- 13- Iranyr Peixoto, e José Manoel Carneira Macieira.
- 15- Paulo Orlando G. de Albuquerque
- 22- Tarzan Ubirajara de Medeiros.
- 23- Nazir Miguel Ruhena
- 24- João Manoel Dias Filho.
- 25- Carlos Chagas Bruno
- 26- Walter Ribeiro de Souza, José Paulo da Mota Figueira.
- 27- Waltuyr Duque de Moraes
- 28- Jacinto de Araujo Arantes Neto.

Transcorrerá no dia 20 do corrente, o aniversário natalício do Prof. Dr. Enzo Desiderati.

No dia 21 do passado mês de outubro foi benta pelo Rmo. Sr. Vigário Capitular, Mons. Antonio Salerno, a pedra fundamental do Asilo dos velhos; a esta solenidade compareceram representantes das autoridades e classes da cidade.

## Diário Secreto do Mauri

Incrível foi o esforço que fizemos para, pelo menos, conseguirmos alguns interessantes capítulos do Diário Secreto do Mauri. Prevendo que é um homem que cedo triunfará no box, na ciência, foot-ball, beleza, etc., achamos ótima a ideia de realçar algo sobre o seu passado, principalmente no que diz respeito a episódios da

sua vida escolar.

### Ano de 1951 — 25 de maio - sexta feira

Pela primeira vez sinto revolta em minha vida, e isto foi na aula do Padre José. Só porque demonstrei meus conhecimentos literários cem por cento, ele teve a audácia de me mandar sair da aula, com os dizeres: Vai pra fora, atrevido. Assim é a vida, nem todos vencem pela ciência.

### 13 de junho - quarta feira

Fui à uma loja comprar um sapato de duas côres e giletes para aparar o meu bigode, que já está famoso, antes de despertar na minha face que eles consideram ser a mais linda do Colégio. Agora vejo que sou estimado, neste mundo de ilusões.

### 20 de agosto - segunda feira

Sou chamá-lo, urgentemente, pela diretoria do Botafogo F. R., do Rio, onde treinei há alguns meses e tive oportunidade de fazer 3 goals no Oswaldo.

O sr. Carlito Rocha, que muito gostou das minhas atuações, disse que o Botafogo se sentiria honrado com a minha presença no seu quadro. Eu quisera aceitar o convite, mas dou mais valor aos estudos.

### 12 de setembro - quarta feira

Surge na minha sala o jornal «Periquito». Este numa gentileza descomunal, falou quase exclusivamente sobre minha pessoa. Disse que eu só comecei a brilhar depois que fizemos uma excursão a Pati do Alferes, onde mostrei todo o meu talento.

### 13 de setembro - quinta feira

Depois de anos a fio consegui publicar, há dias, o meu terceiro livro «Bafovi de Bocovi». É uma obra onde exponho tudo aquilo que se passa comigo, multiplicado por 100, para que tenha mais realce.

### 15 de setembro - sábado

Misteriosamente surge diante de mim uma fada. Queria me transformar no mais poderoso mortal, porque achou que eu possuía em demasia, Beleza, Agilidade, Fôrça e Opulência. Porisso deu-me a alcunha de «Cap. Bafo».

(Continua no próximo número)

# MARIA

Antonio José Soares

Maria doce nome que anuncia  
O amor e a singeleza  
Foste tu minha Maria  
A mais Santa na pureza.

Foste virgem, virgem és  
Foste mãe do nosso Cristo  
Que ajoelhou aos teus pés.

És santa como ninguém  
Teu amor foi por Jesus  
Que nasceu lá em Belém  
E depois morreu na Cruz

Morreu somente seu corpo  
Seu espírito reviveu  
E êle surgiu de novo  
Convertendo o fariseu.

Porém para seu pai subia  
Com a glória dos que amarraram  
E lá Maria ele viu  
Mãe e filho se abraçaram.

## Com os absurdos: O PERNILONGO

Antonio Paulo Basbus

Êste inseto, parece que de uma só vez tomou conta do ambiente estudantil. Está mais famoso que um artista americano e mais temido que a bomba atômica.

Creio que muitos estão intrigados com o título acima, porque é quasi identico a um que saiu numa «Cultura» passada, chamado: com os absurdos: Os deputados. Entretanto a coisa é diferente. Na câmara os deputados fazem barulho e esta dorme tranquilamente o dia inteiro; já aqui os pernilongos faziam barulho na cama e não nos deixa dormirm.

Tornam-se inuteis todos os meios para eliminá-los, porque são, de fato, valentes até a raiz do cabelo, basta acrescentar que eles não temiam as cobras que andavam soltas pelo dormitório. Pelo contrário, estas, inofensivas é que tinham medo deles. Outro dia uma «chironius Carinatur», querendo ver-se livre dos malditos pernilongos, refugiam-se perto da cabana do Crioulo, considerada uma das melho-

res. Êste ao deitar, percebendo a «chironius» ficou mais branco que pó-de-arroz (êle é tricolor) e o seu coração bateu o record em pulsações por segundo. Êle viu as coisas pretas. A cobra, coitadinha, muito envergonhada (naturalmente aprendeu um pouco de civilidade durante sua estadia no colégio); no outro dia fugiu e até hoje o Padre Adolfo está à procura da mesma. O Crioulo por sua vez, também fugiu, ou seja, mudou de dormitório. Com a cobra resolvemos a questão, mas com os pernilongos a coisa continua. Não sabemos como o aluno não fica doido. De manhã, aprendem a lição nas aulas proferidas em altos brados pelos professores e à noite, «el pernilongo», vem completar o martirio, com as suas canções tão suaves ao ouvido, e tão malélicas aos nervos.

Esta é a vida de aluno. Pernilongo por «cima», «cobra» por baixo e no «meio» de tudo uma prisão no domingo, por causa do maldito «pernilongo».

## Provérbio de aluno

- 1.) Após a bagunça vem o castigo
- 2.) Pernilongo mole em pele dura tanto bate até que fura.
- 3.) A cola não tem pés mas anda.
- 4.) Cabana aberta não entra mosquito.
- 5.) No Colégio, quem tem cigarro é Rei.
- 6.) Pelo «chute» se conhece o mentiroso
- 7.) Quem tem medo de cobra não a coloca na cama do outro.
- 8.) O bom estudante escreve certo com linhas tortas.
- 9.) Fugir sem perigo é triunfar sem glória
- 10.) Para o bom colão uma olhadela basta.
- 11.) Antes inimigo bom aluno, que amigo mau aluno.
- 12.) Mais fere um pernilongo que uma espada afiada
- 13.) Ninguém deve dizer: dêste caderno não colarei, dêste aluno não precisarei.

Organizado por A. Basbus

- ALUNO — Fessô, o senhor não vai ao cinema hoje?
- FESSÔ — Que filme está levando?
- ALUNO — O Leque.
- FESSÔ — Vou sim. Com êsse calor deve ser bom.

# Quadro de Honra

dos alunos do

## Colégio Valenciano São José

Outubro de 1951

### CURSO PRIMÁRIO

1º Lugar	— Nelson Martins Duarte	7,8
2º	« Luiz Adolfo Duboc da Cruz	7,2
3º	« Paulo Roberto Fonseca Pereira	7,0
4º	« Paulo Antonio Werneck de Lacerda	7,0
5º	« Ronaud Barroso	7,0

### CURSO DE ADMISSÃO

1º	« Takashi Shimoide	8,5
2º	« Sebastião de Souza	8,2
3º	« Vago	
4º	«	
5º	«	

### 1a. SÉRIE A — INTERNOS

1º	« José Americo de A. Bittencourt	8,3
2º	« Paulo Orlando G. Albuquerque	8,0
3º	« Diógenes Gonçalves da Graça	7,2
4º	« Francisco Serra Barbosa	7,0
5º	« Nelson Luiz de Oliveira Lyra	6,6

### 1a. SÉRIE B — EXTERNOS

1º	« Durval Lopes Conceição	8,7
2º	« Ely Silva Valente	8,7
3º	« Carlos Corrêa Netto	7,9
4º	« Cezar Romero Jannuzzi	7,8
5º	« Francisco Arthur de Azevedo Chagas	7,8

### 2a. SÉRIE A — INTERNOS

1º	« José Alceu de Oliveira	7,9
2º	« Luiz Coelho de Mello	7,5
3º	« Evio Ribeiro Marques	7,3
4º	« José Valente Silva	7,1
5º	« José de Almeida Pires Neto	6,8

### 2a. SÉRIE B — EXTERNOS

1º	« Getulio F. de Vasconcelos	8,5
2º	« Francisco Romano Conceição	7,8
3º	« Antonio Carlos de Araujo Lago	7,7
4º	« Ruy Paulo Soares	7,3
5º	« Carlos Agostinho Aléssio Oliveto	7,0

### 3a. SÉRIE

1º	« Rubem Augusto Taveira	9,2
2º	« Murilo da Silva Bastos	8,5
3º	« Alvaro José de Souza	7,6
4º	« Roberto Fernando de Carvalho	7,6
5º	« Ladislau Jayme Fonseca	7,5

### 4a. SÉRIE

1º	« Wilson Guimarães Moreira	9,3
2º	« Antonio José Bravo	8,9
3º	« José Ferreira de Azevedo	8,6
4º	« Miguel Carlos Farah	8,1
5º	« José Manoel Cameira Macieira	7,3

### 1º CIENTÍFICO

1º	« Eloy Rocha	8,5
2º	« José Tabet	8,5
3º	« Tarcísio de Ávila Rodrigues	7,7
4º	« José Raul da Costa Machado	7,5
5º	« José Carlos Grijó	7,5

### 2º CIENTÍFICO

1º	« Herbert Guarini Calhau	8,9
2º	« Antonio Paulo Basbus	8,1
3º	« Neyde Reis Aguiar	8,1
4º	« Gilson Magalhães Stivanin	7,3
5º	« Louival Soares dos Reis	6,7

### 3º CIENTÍFICO

1º	« Luiz França Ramalho Pinto	9,1
2º	« Darnley Leal Moreira	8,6
3º	« Paulo Fernando Lago	7,9
4º	« Paulino Jorge Felipe	7,6
5º	« Ernestino Bastos	7,1